

**Revista de Literatura,
História e Memória**

Literatura e Cultura
na América Latina

ISSN 1809-5313

VOL. 5 - Nº 5 - 2009

UNIOESTE / CASCAVEL

P. 25-36

MEMÓRIAS DE LÁZARO, DE ADONIAS FILHO: UMA ESCRITA ROMANESCA DE DEVANEIOS LÍRICOS

PINTO, Divino José ¹

RESUMO: *Memórias de Lázaro* é uma obra da Literatura Brasileira escrita sobre as bases da memória literária, permeada em sua tessitura de devaneios líricos que fazem aflorar um certo realismo jocoso, carregado de imagens evocadas nas pequenas histórias que vão derivando da interlocução entre os personagens ou das próprias reminiscências advindas do conflito interior de seu narrador-mor. Rico em recursos narrativos, *Memórias de Lázaro* provoca o leitor pelos seus zig-zags, proposta modernista na qual o romance perde a linearidade e faz aflorar no jogo das palavras se dissolvem, fazendo brotar sensações profundas, voltadas para a recordação, para a saudade, manifestando na profusão dos sentidos.

PALAVRAS-CHAVE: Memória, Conflito interior. Criatividade narrativa. Sensações. Humanização. Animalização.

ABSTRACT: *Memórias de Lázaro* is a from a job from the Literature Brazilian escrita on the subject of that fundamental from the memoir literary permeada well into your tessitura as of daydreams lyric than it is to they do aflorar um certain realism jocoso , loaded as of imaging evokes at the small histories than it is to bootless derived from the interlocução among the personages or of the custom reminiscences advindas from the conflict inland as of your own storyteller mor. Rich well into resources narrative , Memoirs as of Lázaro I sample the drive by its zig zags , proposal modernity in which the romance he loses the one linearidade AND he does aflorar at the I play of the words in case that dissolvent , doing bud feelings deep , lap for the recall , for the longing , demonstrator at the profusion of the senses.

Memórias de Lázaro é, certamente, um desses romances brasileiros que provoca o leitor e incomoda a crítica, no sentido mais positivo dos termos; principalmente, pelo seu tom narrativo surpreendente e por sua tessitura instigante e sugestiva no que concerne ao tema 'memória' expresso em seu título.

Não é só pela escolha vocabular ou pelo brilhante trabalho de manipulação das palavras e expressões ou pela fraseologia deliberadamente arranjada desse texto que se deve tomá-lo na conta de um grande romance. É muito mais pelo modo como *Memórias de Lázaro* se apresenta, no feitio, na riqueza de imagens poéticas, na ruptura da linearidade ortodoxa, bem como na ampliação da noção de

gênero, fugindo à forma fixa do romance tradicional pela inserção e o cultivo de uma metáfora poética persistente, o que, em última instância, o torna um romance balanceado nas imagens, afável na linguagem, denso e profundo no seu *tonus*.

O presente artigo propõe uma abordagem deste romance, do baiano Adonias Filho, considerando preferencialmente, a sensibilidade poética com que é tecida a sua trama. A riqueza de imagens, o refinamento de um Eu que, ao narrar suas reminiscências e investidas de sua experiência errante, revela nos detalhes de sua fala cifrada o vasto universo de hábitos e crenças; um mundo particular, com seus códigos mais arraigados.

Um vale carregado de memórias e mistérios, uma estrada sem começo e sem fim, compõem a base desse estranho espaço que se amplia em proporções imensuráveis e ganha vida nas palavras amenas de Alexandre, o personagem-narrador que funde em seu discurso os hábitos e mazelas de uma gente colhidos em todos os tempos: o passado carcomido, roto, assustador e o presente, não menos recheado de peripécias, sonhos vãos e sofrimentos:

Infinito é a estrada com suas curvas, suas colinas e suas árvores.[...] Para os outros, os viajantes que por milagre a atravessassem sem conseguir rolar os seis segredos, seria apenas uma estrada.

Para nós, gente do vale, que a limpamos todos os dias com os nossos pés, que sobre ela suportamos o sol e toleramos a chuva, é o mundo que liga nossa vida e une as nossas esperanças e sofrimentos. Muitas vezes lembrando uma serpente, divide-se em mil veredas. Penetra nas planuras, invade a paisagem vazia, sem expansão, comprimida na monotonia dos tabuleiros.[...] Falando a verdade, digo que o vale existe porque existe a estrada.

(ADONIAS FILHO, 1978, pp. 3/4)

Esses dois elementos, o vale e a estrada, perfazem não só a geografia física na qual a trama de está estruturada, como se alargam feito motivação de um vasto ambiente mental oscilante, marcado pela imprecisão de uma mente ambulante da qual resultará novos cenários e metáforas, fruto dos mais imprevisíveis desdobramentos da memória e do discurso de Alexandre. A infinitude da estrada, os seus mistérios e encantos; as peculiaridades do vale, a sua condição de mundo em si mesmo, isolados do resto do mundo, tudo isso apresentando em forma de advertência, prenuncia o que estaria por vir nessa estória, paradoxalmente, singela e complexa. Desse modo, o narrador nos convida ao mergulho no discurso da memó-

ria e dele extrairmos os saberes mais improváveis que são forjados no vale e perambulam por ele, no dorso arredio de seu “vento perdido”.

Estas reflexões se destinam à busca na trama lingüística de *Memórias de Lázaro* de possibilidades que transpõem os limites da semântica essencial das palavras. Elas são, na verdade, um esforço que persegue a manifestação da beleza realizada nas artes e manhas de uma poética particular: a de Adonias Filho. E, nesse romance, em particular, o dado poético ao qual já nos referimos, é sem dúvida o ingrediente que torna mais atrativa a viagem ao interior de seus personagens, eivados de exotismo, verdadeiras entidades reveladoras das tais peculiaridades que o romance em apreço apresenta, confirmando o perfil *sui generis* da estética adonisiana.

Salienta-se, entretanto, que, na verdade, assim como as imagens poéticas não aparecem no romance em ritmo e intervalos sistemáticos, assim também se dará o nosso empenho, a nossa busca para capturá-las. É conveniente, aliás advertir que não se pretende, aqui, inventariar nem se ater detalhadamente nessas imagens. Antes, pretende-se destacar algumas delas, as mais significativas, pelo menos, e então, partilharmos das sensações refinadas de beleza e verdade que o texto de Adonias Filho nos oferece.

Ao emprendermos a tarefa de investigar, pontualmente, esses aspectos em *Memórias de Lázaro*, é mister considerar que a obra de arte, principalmente a literária será sempre um mecanismo complexo, consoante ao que nos adverte com propriedade o esteta brasileiro Tasso da Silveira, (1964): *Da obra de arte em geral mas sobretudo da literatura, se poderia dizer sem descomedimento que é o mais complexo dos fenômenos que se apresentam, no mundo, à consideração da inteligência.* (SILVEIRA, 1964, p. 9).

Destarte, estamos diante de um desses fenômenos que, de maneira tal extrapola os limites de tempo e espaço, desvinculando-se dos rótulos para formatar sua própria identidade e cavar sua existência em meio a uma plêiade seleta de obras literárias cujo mote principal seja a memória. Portanto, não será difícil atestar essas virtudes na narrativa em tela, uma vez que toda ela traz ao foco um modo especial de se tratar o tema ‘memória’ e está cunhada, como discurso especial híbrido, usufruindo à farta das armadilhas da palavra-arte.

Memórias de Lázaro caracteriza-se como exemplar consistente de objeto artístico daqueles que a teoria e a crítica literárias têm se esforçado sobremaneira para apontar com o mais sólido rigor científico, o que Gadamer (1972) chamará em seus estudos comparatísticos de “*autonomia da subjetividade perceptiva...*”

Assim, ao lermos um texto, como o fizemos com *Memória de Lázaro*, de

pronto, já o inserimos em um contexto histórico e literário mais amplo. Contudo, jamais se deverá perder de vista o seu projeto estético em particular, bem como a sua realização, que, em última instância, será a pulsação dessa “percepção subjetiva” de que falou Gadamer. É isso, alas, que o torna único e chama muito a atenção para os termos que calham bem quando nos pomos a criticá-lo, quais sejam: memória, linguagem e universo romanesco e, especialmente, sensações lírico-subjetivas.

Em outras palavras, é percorrendo os meandros de sua linguagem, buscando atingir suas especificidades que chegaremos à visão de mundo adonisiana, carregada de tragédia, poesia e morte, sublimação e espírito de grandiosidade. É assim que *Memórias de Lázaro* nos dá a conhecer a imagem difusa de um ambiente, paradoxalmente, hostil e amável: hostil pela dureza da terra, pela ação tempestuosa de sua natureza e amável pela sensação de recolhimento manifesta em seus personagens, a sensação de que possuem um mundo só para eles. Neste jogo, na junção mesma da linguagem com a cena social externa surge o mundo de Alexandre, feito de imagens inacabadas, muito mais sugeridas que mostradas, estimulando um percurso mental amplo de ritmo lasso que o leitor haverá de palmilhar para perceber todo o engendramento desse espaço forjado pela narrativa de Adonias Filho. Por isso mesmo, parece lícito apontar que ocorre em *Memórias de Lázaro* o que Bachelard (2001) chama de “ação imaginante”, uma vez que, cabe ao leitor a tarefa de “deformar” e “mudar as imagens”; gesto que pode nos libertar das imagens prontas, imagens primeiras. Essas imagens precárias, contudo sugestivas, é o que teremos no romance em pauta, tanto no que concerne à descrição dos aspectos externos quanto no que respeita às qualidades intrínseca dos personagens, esses viventes esvaziados, habitantes de uma república do nada:

Mas, no vale, todo se pareciam com Abílio [...] Uma criatura feliz, alguém que não traga ferrugem nos ossos não ficará aqui. Fugirá temendo o negrume do céu, a solidão do vale estrangulada pelo vento doído. Abílio só ficou no vale, disse-me depois, porque o vale não é deste mundo. Uma zona esquecida, ele ensinava, onde os homens são mais humanos porque não temem a dor, o medo e nem ocultam a cólera [...] Sei, porém, que antes de Abílio, em nada pensava senão trabalhar a terra com a mãos e nada sentia a não ser o cansaço, a fome e a sede.

(ADONIAS FILHO, 1978, p. 21).

Alexandre ouviu estas palavras da boca de Jerônimo que, a partir de então se revela o porta-voz de um passado esquecido, porém fundamental na tessitura

de sua história, na configuração de sua existência que começa a tomar corpo. Abílio, o homem que Alexandre somente conhecera no caixão, era o seu pai. Sua mãe, Paula, jamais soube da própria existência, nem mesmo dera fé do seu filho: era “tola”. Alexandre é, portanto, o fruto de um encontro fortuito e inexplicável, fatos típicos de um núcleo social marginal, bem ao caráter da proposta adonisiana. As imagens que este pobre moço haveria de ter da vida não seriam se não as de um mundo ofuscado, composto por estilhaços de memórias; observadas agora à luz do discurso de Jerônimo, a voz que dá alma ao vale. A descrição desse momento de descoberta, feita pelo próprio Alexandre, revela a profusão de sensações ocorridas em sua mente, no instante em que sua casa, símbolo maior de sua existência ia sendo erguida, com a ajuda de Jerônimo, tornando real o sonho de ter ao seu lado a bela Rosália, peça fundamental em seus planos:

O movimento da enxada, a percepção das paredes que se erguiam, os esteios deitados o mundo se concentraria nisso, e no eco da voz de Jerônimo, não fosse o sentimento extraordinário da descoberta. O pai, Abílio, eu o conhecera pouco, mas sempre o conhecera a ponto de lembrar-me da sua face morta. A mãe, Paula, só naquele momento a conhecia. “Ela não soube que me gerou”, pensei enquanto a enxada ia e vinha, amassando o barro. No instante, fração de um segundo, várias imagens se confundiram, oscilando na obscuridade interior. [...] Teria de esperar fossem pregadas as portas e escuras ficassem as telhas para que admitisse a minha existência como começando e terminando em ruim mesmo.

(ADONIAS FILHO, 1978, p.24).

Percebe-se então que, quanto mais Alexandre vai travando conhecimento com o seu passado, mergulhando em seu próprio vazio existencial, mais a narrativa se vai florescendo na beleza de suas imagens, na grandeza do sentido e na sensibilidade de um discurso, ao mesmo tempo, discreto e vigoroso o suficiente para fazer aflorar consciência e ideais de um mundo perdido. O eu do narrador parece querer dizer para si mesmo, coisas das quais ele pouco ou nada conhece, mas sente, profundamente. Os signos e expressões “obscuridade interior”, “existência”, “em mim mesmo”, enunciam um movimento centrípeto das sensações do protagonista. Nesse instante fugaz de sua consciência o leitor pode imaginar a complexa e sofrida história de Alexandre, embora ele próprio a desconheça, apenas sinta o que jamais poderá explicar satisfatoriamente. Mas é nessa história inexplicável, nesse enredo, por vezes, desconexo que repousa a importância e o

significado de uma memória que se constrói ao sabor de um ritmo lento da própria narrativa; sem grande esforço, no compasso lasso do vale, quase involuntariamente. No entanto, todo o futuro de Alexandre estará comprometido, seriamente, pelos fantasmas que povoarão e atormentarão sua consciência, sempre.

Neste caso, o movimento de tomada de consciência da existência florescerá em Alexandre, de maneira invertida, ou seja: ao invés de caminhar da utopia para a cena real, ele se dará desta cena para a utopia. A contemplação de seu passado, a possibilidade de se descobrir em suas memórias, mesmo as não vividas, pode lhe remeter para além das fronteiras do tempo e do espaço palpáveis; inserindo-lhe, definitivamente, no abismo sedutor de sua busca, na qual o sonho e o inusitado urdem a tela mágica de sua vida.

A partir desse ponto, o romance transcorre apresentando os descompassos de uma vida errante, em que o fantástico, o maravilhoso ou mesmo o absurdo, se fazem presentes, concomitante ou alternadamente, transformando, por conseguinte, o herói Alexandre em um símbolo carregado de sentidos e o romance *Memórias de Lázaro* numa obra de leitura jocosa pela riqueza de propostas que ativam, a todo momento, a “ação imaginativa”.

A narrativa adonisiana prossegue em movimentos analépticos, recorrendo sempre uma memória precária em busca de uma unidade quase impossível de ser alcançada, uma vez que a própria vida do protagonista Alexandre já é o maior exemplo da fragmentação que, aos poucos vai se configurando em *Memórias de Lázaro*. O ócio mental de Alexandre lhe provoca inquietações que o fazem dirigir-se diretamente ao leitor como seu grande interlocutor, aquele que, a partir desse ponto da narrativa passa a ser uma espécie de cúmplice de Alexandre, posto que as vozes do vale, a de Jerônimo, por exemplo, vão se calando e cada vez mais o protagonista vai mergulhando no seu labirinto povoado de interrogações e devaneios de imagens líricas, componentes de uma realidade que jamais será reconstituída integralmente:

“Paula dormia”, a voz de Jerônimo se imobilizava no mesmo ritmo. Extinguiu-se, afinal. Mas, e já que sentia ser impossível arrancar de Jerônimo novas palavras, idealizava por minha própria conta o absurdo período da infância que não tardaria aceitar como certo. É possível que falso tenha sido o meu sonho. É provável que a imaginação me tenha iludido. Não me interroguem, porém. Ouçam, eu peço. (ADONIAS FILHO, 1978, p.25)

Paula, a mãe desconhecida vai se apagando na voz de Jerônimo ao mesmo tempo em que floresce na memória difusa de Alexandre, passando então a

elemento de um complexo mosaico de imagens imprecisas, sem contornos que vão se formando em sua consciência. A narrativa de Alexandre entra, de vez, no campo das especulações. E será este tom que permeará toda a narrativa, doravante, caracterizando o seu tom de perguntas sem respostas em que as metáforas derivarão umas das outras e a consciência do narrador vai, cada vez mais se embrenhando nesse mundo de coisas não resolvidas, conduzindo num mesmo ritmo a sensação do leitor e a sorte pessoal de Alexandre para um labirinto de uma memória rica, problemática e, poeticamente, sugestiva, a um só tempo.

A busca de unidade narrativa impele Alexandre cada vez mais para a diversidade confusa numa seqüência de imagens de vida e opiniões mal formadas de um passado que ele próprio ignora e tenta recompor. Alexandre elege então a figura de sua amada, Rosália, como peça fundamental de seu quebra-cabeça, ela significava, para ele, o seu complemento; ambos estavam perdidos, tanto ele quanto ela procuravam o que eles próprios desconheciam:

"Quando eu a vi, pela primeira vez, ela corria em minha direção, entre os pés de milho. [...] Não encolhendo as mãos que derrubavam as espigas, não vendo sequer que eu obstruía o seu caminho, deteve-se ao sentir que se batia contra mim, ferida a sua testa e sangrando os meus lábios. Olhou-me, sem susto, sem pronunciar uma palavra, e continuou a correr.

"Encontravam-se, assim, os filhos do vale." (ADONIAS FILHO, 1978, p. 29)

Quanto mais se materializa a presença de Rosália na vida de Alexandre, mais ela vai se transformando em figura ideal e o encontro dos dois, aparentemente casual e que, supostamente, poderia por ordem na trajetória de Alexandre, servirá, como veremos na seqüência, como mais um elemento desagregador dessa ordem. É por essas ocorrências narrativas que a história vai, mais e mais perdendo a sua força realista e ganhando, na mesma proporção, um caráter impreciso no qual a importância maior do romance será filtrada para as suas entrelinhas; e assim, o sentido do texto irá se concentrar nas filigranas poéticas, nas sensações que advêm dos momentos imaginados, das venturas sonhadas, das aventuras idealizadas que resultarão todas em desilusões do ponto de vista humano, mas no que concerne ao viés poético-narrativo, esse encontro-desencontro, encanto-desencanto abrirá as janelas para a grande viagem rumo ao desconhecido universo de Alexandre e Rosália, um casal que, gradativamente vai se desumanizando, tornando-se entidades, símbolos tão somente, arremedo metafórico, verdadeiros simulacros; diminuindo-se, ambos como personagens no mesmo momento em que se avolumam como ícones

representativos de um enredo desconexo, uma grande aventura em forma de escrita.

Os devaneios, à medida que avança a história e a narrativa vão tomando conta da consciência de Alexandre. Rosália passa então a ser a sua única esperança, uma vez que todo o seu passado já está fugidio e ofuscado:

Brotando desordenadamente como as imagens que escapam das vigílias, o passado limitava-se definitivamente em Rosália. Como nos sonhos, as recordações tornavam-se leves, a realidade perdia as arestas, a ordem lógica impressionava precisamente porque absurdos eram os seus movimentos. (ADONIAS FILHO, 1978, p. 29)

A fala do narrador neste trecho é sintomática ao apresentar, subliminarmente, como a imprecisão e a linearidade narrativas, aliadas ao impressionismo das imagens vão, aos poucos, triunfando. O sentido mais usual da memória que, via de regra, evoca a instituição familiar até que foi mencionado, mas a narrativa adonisiana é cheia de esquivas e a tentativa de se organizar linearmente a história de Alexandre, na verdade, não passaria de falso logro. Há, como se pode observar no trecho em destaque, uma inversão dos valores, ou seja, a lógica impressiona pelo seu caráter absurdo. Com isso, a realidade circundante, mundana perde o seu papel central, dando lugar à lógica da loucura que se instala passo a passo. O movimento ganha nova lógica, começando pela leveza das recordações, o que conduz às reminiscências da consciência de Alexandre, até chegar à sensação pura, equivalente ao processo involuntário da memória, cujo sentido estará na imagem poética carregada, plural. Essas imagens e sensações se realimentarão continuamente, voltando sempre para dentro de si mesmas, multiplicando-se tal qual nos orienta Bachelard (1999): "*O devaneio opera como estrela. Retorna a seu centro para emitir novos raios.*" Alexandre recorrerá, sempre que necessário, a seus devaneios. São eles que nos oferecerão as imagens mais precisamente imprecisas de todo o vale: "*Os homens, no vale, falam menos com os lábios e mais com os olhos.*" (p. 33). Assim, vão aparecendo as entidades surrealistas do vale, transeuntes que não se detêm em nada, não contemplam, são contempladas, ainda que sua existência seja absolutamente marginal do ponto de vista da história que transcorre, "... criatura do vale que passa, silenciosa e rude, os pés no mundo de pó." (p. 34). Criatura que passa, mundo de pó. É assim que vai se consolidando o verdadeiro significado do vale, como um todo. É a configuração, a transformação do universo real em linguagem, em imagens que dirão por si mesmas: "*Mas o vale, apesar da aparência cotidiana, surgia para mim inteiramente transfigurado.*" (p. 38). Dessa forma, Alexandre vai nos contando a sua história num movimento de fora para

dentro, no qual a dimensão histórica externa não passará de motivação para o fingimento poético que será o cerne de sua narrativa.

Mas, Alexandre, por mais que se esforçasse para se incluir no universo comum dos homens, não lograva êxito. Ao receber Rosália em sua casa já pronta, percebe que todos os seus sonhos e expectativas não se realizarão nunca. Percebe também que o vale surpreende sempre. Com a expressão: "*Finalmente, la começar a viver.*" (p. 40), alusiva à chegada de sua amada, Alexandre inaugura uma nova e definitiva fase de sua vida que caminha em passo vultosos para a loucura, posto que, tanto ele quanto Rosália se descobrem absolutamente esvaziados, são ambos subprodutos do inóspito vale:

Foi neste minuto, dominado pela força daquele olhar vazio, que a mim mesmo indaguei por que estávamos ali, no fundo do vale, tão próximos um do outro e ao mesmo tempo um do outro tão distantes. (ADONIAS FILHO, 1978, p. 29)

A noção de espaço expressa nos signos "perto" e "distante" corresponde à localização da consciência de Alexandre e Rosália. O "olhar vazio" desta se mistura à vida vazia daquele e o "fundo do vale", tal qual se refere Alexandre evoca por meio de memória remota o vale da morte, metáfora do mundo dos homens, atribuída à terra nos dias mais obscuros de sua história. Alexandre e Rosália encenam assim, um ato absurdo, parte de uma peça também absurda: a vida no vale. Tudo aqui se confirma, à medida que a narrativa se desenvolve, estar à mercê da sorte. Episódios absurdos, marcados por catástrofes e insensibilidades vão se agrupando, o que tornará *Memórias de Lázaro* num romance de tragédia pelo somatório de imagens, poeticamente elaboradas, nu misto perfeito de sonhos, devaneios e dor.

Ao conhecer a tragédia ocorrida na casa de Rosália, ou seja, a morte do pai pela própria filha, o abuso desta pelo seu irmão, Alexandre vê a imobilidade crescer dentro de si, lembrando a tese dostoienskiana do "homem de pensamento" e de "ação". Mas Alexandre não é nenhuma das duas coisas, ele é tão-somente um homem paralisado, estupefato e impotente, assim como era também Rosália diante do vale impiedoso: "*Fechado em si mesmo, sem portas de saída, [...] Um túmulo, quase. Nós os seus mortos.*" (p.46). Ambos não são de pensamento nem de ação, mas serão seres, talvez entes apenas de contemplação, uma contemplação mórbida na qual as imagens precárias dizem muito mais que a narrativa mesma que se define do ponto de vista da história juntamente com as entidades que habitam o vale perdido.

A partir desse ponto, o romance entra em sua segunda parte na qual tudo colabora, definitivamente, para o progresso da sandice de Alexandre. Este, aproxima-se do leitor, narrando agora as memórias de um mundo que não passa de nós e fantasmas de uma história que será apenas imaginada e revisitada na sua memória, cuja beleza e plasticidade repousam na inexatidão de suas idéias e palavras opacas. Cortes em formas de analepses vão se sucedendo uns aos outros, revelando seres anulados, angústias do passado que se presentificam pela memória, colocando num ambiente único todas as figuras do vale, numa atmosfera carregada de vida e morte, revelando a condição verdadeira do herói Alexandre: "...*eu, na verdade um triste animal, ...*" (p.69).

Nesse esforço para caracterizar o vale e seus habitantes, suas coisas e particularidades, Alexandre mergulha de vez em seu universo próprio. A morte de Rosália elimina todas possibilidades de nosso herói se mover para a consciência. Ao contrário, ele se afastará, progressivamente, dela até se tornar um mero portador das notícias mais íntimas de uma imagem vazia desse vale que já não mais existe:

Sujas se tornaram as roupas do meu corpo e o meu corpo se tornou outro para mim mesmo. Os meus cabelos cresceram, alcançaram os ombros, fundiram-se com a barba. Os pés pisavam, muitas vezes feridos, mas não sabiam em que pisavam. [...] Vagamente, tão distante quanto eu próprio a presença de Jerônimo. Descendo, sempre descendo, perdi o contato com o vento, com os homens, com o vale. Mas seria Jerônimo quem, algum tempo depois, traria a minha lembrança do que eu fora. Sem pânico, ouvi o que me contava:

- Um homem morre em vida, Alexandre.

(ADONIAS FILHO, 1978, p. 75)

Alexandre, a exemplo de todo o vale, é, agora, nada. Sua memória oscila, principalmente entre Jerônimo e Rosália e sua narração também se dará em modos diversos, ora de forma quase linear, ora quadro a quadro no feitio da técnica cinematográfica, mas, na maioria das vezes, numa profusão de idéias e imagens, sem contorno nas quais se fundem o passado e o presente resultando na completa inutilidade do 'agora' de Alexandre em sua busca extrema pela identidade inatingível.

É assim que Alexandre construirá, paradoxalmente, a sua própria ima-

gem desgarrada da realidade, num mundo de fantasmas, cujo trabalho da memória será uma verdadeira exumação de imagens perdidas, articuladas na fusão de recursos das linguagens verbal e não verbal que vão se tornando gestos obscuros, manifestações de uma memória sem controle. Nessa atmosfera de perfeita suspensão, o limite entre espaço real e dimensão onírica já não obedece a nenhuma regra e a memória de Alexandre vai se enchendo dessas imagens e sensações, num diálogo ininterrupto entre espaço mundano e virtualidade, sendo esta e configuração maior da consciência do herói e aquele apenas a sua motivação.

O corpo se converte em sombra e o personagem central de *Memórias de Lázaro* entra em crise profunda reconhecendo-se, pela ansiedade, nesse movimento dialético como, "...como um ser imaginário." (p.127), uma invenção, restrita ao âmbito da palavra.

As palavras e idéias de Alexandre são quase sempre conclusivas. Contudo, todas elas serão retomadas sempre em seus devaneios que partem de um passado sem história, passando por um presente calcado na fantasia para se chegar a um futuro sem qualquer possibilidade de escolha. Assim, a febre e o delírio vão tomando conta de Alexandre que volta para a caverna, embrenhando na mata, verdadeiro símbolo do labirinto que se tornara a consciência de Alexandre: "A mata devora a alma dos homens." (p.136), lembrando a Macondo de Garcia Márquez.

O mundo agora é só miragem. O drama de Alexandre cada vez mais se avoluma paralela à sua dimensão animalesca, em uma mata sempre repetida e igual onde podemos ver o drama de Otelo, de Shakespeare ou mesmo o de um eu drummondiano acuado pela "...pedra no meio do caminho." Alexandre não tem saída, ele próprio é um fantasma, tanto que lhe vem o desejo de eliminar Jerônimo de sua memória, na tentativa de humanizar-se a si mesmo, tomado pela curiosidade infantil, cheia de imprevistos.

Alexandre se esforça por nascer de novo, constituir-se como ser, mas a sua condição de criatura fantasma "sem carne, sem sangue, sem vida. Não foi viagem, mas um vôo sem asas." (p. 157), coroa a sua sina irreversível, a sua condição de imagem condenada à opacidade, sua existência apenas no discurso, esvaziado totalmente de história e humanidade; Alexandre, Rosália, Jerônimo, todos do vale, até o vento, o próprio vale, tudo é nada, nada que é pó, que é resto e o resto é "só poesia".

NOTAS

I Divino José Pinto. Doutor em Teoria Literária. Professor: Universidade Católica de Goiás e Universidade Estadual de Goiás.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A Psicanálise do Fogo*, São Paulo, Martins Fontes, 1999.

_____. *O ar e os sonhos*, São Paulo, Martins Fontes, 2001.

BRUNEL, P., PICHOS, CL., ROUSSEAU, A.M. *Que é Literatura Comparada?*. São Paulo:

KAISER, R. Gerhard. *Introdução à Literatura Comparada*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1980

KRISTEVA, Julia. *Introdução à Semanálise*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1964

SILVEIRA, Tássio da. *Literatura Comparada*. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1964

XAVIER, Ismail. *O Recurso Cinematográfico*. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2005

Editora Perspectiva, 1995